

como diz um dos sonetos ingleses, nunca se sabe quantas máscaras sob as máscaras ele tem. Quando Caeiro escreve que não há mistério do mundo, é Pessoa quem segura na caneta, ele, que pensa exatamente o contrário. E, se por acaso Campos está embriagado, é porque Pessoa bebeu demais.

Temos de nos resignar a reunir todo o cortejo dos heterônimos dentro desse indivíduo único, o único que teve corpo, estado civil autêntico, verdadeiro nome — ainda que tal nome, por seu significado, tenha já um ar de pseudônimo; sobretudo, o único que teve vida, nascimento e morte, um destino. Durante muito tempo esteve em voga recusar-lhos. Citou-se muitas vezes a fórmula de Octavio Paz: “Os poetas não têm biografia. Sua biografia é sua obra.”² Desprezava-se, a essa altura, a tradição francesa da explicação da obra pelo homem. Um dos grandes exegetas de Pessoa, Jorge de Sena, intitulou sua comunicação no colóquio de Providence, em 1977, *The Man Who Never Was* (O homem que nunca existiu). Vicente Guedes, o primeiro autor do *Livro do Desassossego*, parece autorizar esse ponto de vista ao apresentar sua obra, num projeto de prefácio, como “a autobiografia de alguém que não teve vida”. Em estudo sobre o “destino” de Pessoa, Michel Schneider escreve: “Tudo foi tão confuso e enovelado (verdade, realidade, ficção) que é literalmente impossível identificar a santa trilogia — o autor, a vida e a obra. Pessoa não teve uma história que se possa contar. Não apenas porque teve várias mas por uma espécie de ausência secreta de si mesmo, a qual talvez fosse apenas o outro nome da poesia.”³

Esse anátema parece ter pesado sobre o destino póstumo de Pessoa, intimidando os especialistas. Sessenta anos após sua morte, a bibliografia das obras que lhe foram consagradas inclui centenas de estudos sobre a obra e apenas quatro biografias. E, ainda assim, destas é de excluir o livro de António Quadros, *Fernando Pessoa — Vida, Personalidade e Gênio*, cuja parte biográfica propriamente dita não ocupa mais que umas cinquenta páginas, sendo o resto mais um retrato intelectual e espiritual que acentua a dimensão religiosa da obra. Também a *Fotobiografia*, de Maria José de Lancastre, inaugura um gênero diferente do da narrativa biográfica tradicional: trata-se do fotorromance

²In *El desconocido de sí mismo*.

³“Personne”, in *La Nouvelle Revue de psychanalyse*, outono de 1984.

de uma vida de escritor, sem outro comentário para além das breves legendas e das citações de fragmentos das obras. Assim, na verdade, tenho apenas dois predecessores: Ángel Crespo e, perto de quarenta anos antes dele, João Gaspar Simões. Ambos optaram por contar a vida de um homem que por acaso também foi poeta, um dos maiores de todos os tempos. O terror intelectual que inibiu os outros eventuais biógrafos teve origem num erro de perspectiva. Conhecer a vida do homem que foi Pessoa não nos desvia de sua obra, muito pelo contrário. Em seu caso, ainda mais do que em outros, a vida explica a obra como a obra explica a vida. Elas contêm-se mutuamente. Falou-se de sua “obra-vida”. O poeta não quis, como certos estetas, fazer de sua existência uma obra de arte; escolheu, sim, pô-la em cena na obra, concebida como longa peça de teatro em que os heterônimos contracenam com ele e entre si. Essa obra é simultaneamente o testemunho de sua vida destroçada e de sua transfiguração. Não conheço vida de escritor que tenha sido tão falhada; e também nenhuma conheço que tenha sido tão transfigurada pela arte.

João Gaspar Simões (1903-1983) foi um dos jovens escritores de Coimbra que redescobriram Pessoa no final da década de 1920 e o salvaram definitivamente do esquecimento. Foi às vezes censurado por não ter compreendido a grandeza do gênio do poeta de que se tornara discípulo. Mas a verdade é que foi ele quem, de todos os seus pares, mais fez pela glória do mestre. Seu livro *Vida e Obra de Fernando Pessoa — História de uma Geração*, publicado em 1950, é um monumento. Também eu fui por vezes tentado a sorrir ao ler-lhe as análises, de um freudismo algo elementar (apetece dizer: “meu caro Watson”): para Gaspar Simões o traumatismo afetivo provocado na criança de sete anos pelo novo casamento da mãe explica tudo. Eu inclinava-me mais para a opinião de Jacinto do Prado Coelho: a inquietação metafísica não está reservada aos órfãos de pai cuja mãe se casa outra vez, e o gênio poético também não. Hoje, apesar de tudo, presto homenagem àquele esforço honesto e corajoso de elucidação do mistério Pessoa, que nos ultrapassa a todos. Gaspar Simões teve a sorte de poder interrogar para sua investigação numerosas testemunhas há muito desaparecidas. Qualquer biógrafo será obrigado a ir procurar nele o essencial de sua documentação. Nossa única vantagem, meio século depois, é dispor de numerosos textos em verso e em prosa que ele não podia conhecer, por terem ficado encafuados